

CORRELAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO

Virgínia B. B. Abrahão
UFES

RESUMO: Neste artigo pretende-se discutir as possibilidades lógicas da correlação enquanto processo sintático autônomo; examinar a classificação proposta pela NGB para esse tipo de estrutura; e, por fim, levantar os argumentos de alguns autores com relação aos problemas envolvidos nas noções sintáticas tradicionais de coordenação e subordinação e as possibilidades de essas noções abarcarem a correlação.

PLAVRAS-CHAVE: Correlação; sintaxe; Discurso.

1- O histórico da noção de correlação, no Brasil.

Rocha Lima, em nota de rodapé (p.259) em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 9ª ed., afirma que o primeiro gramático brasileiro a chamar a atenção para o processo da correlação foi Maximino Maciel, em sua *Gramática Descritiva*, 1919 - 6ª ed. p. 343-345.

Na sua 12ª ed.(aumentada e refundida) de 1931 (p. 379-381), o Dr. Maximino Maciel¹ apresenta um subtítulo desenvolvido sobre *A correlação das palavras*, apontando algumas conjunções correlativas. Contudo, Maximino Maciel não considera a correlação como processo que se iguale à coordenação e à subordinação. Ao tratar as proposições, enfatiza bastante a constituição desses dois processos sintáticos, mas trata a correlação das palavras apenas quando se detém a observar a sua ordem dentro das proposições.

Apesar de levantar vários tipos de proposições, como as *reduzidas*, as *latentes*, as *contractas* e as *interferentes*, ele não se atenta para o fato de as correlatas poderem se incluir em um tipo específico de proposição. O mais interessante é que, apesar de o autor situar a correlação no âmbito da relação entre palavras, ele levanta alguns exemplos de correlações interfrásticas:

Tanto tens, tanto gostas.

Assim disse, assim fez.

Qual se esvoaça a pomba junto do ninho, assim se ostenta e passa foragido. (Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*)
Sentiu tamanha fraqueza nelle que cahiu no chão. (F. Moraes, *Palmeirim da Inglaterra*)
Não só trabalhas, como cantas.

Principalmente por causa desses exemplos, Maximino Maciel realmente *chama a atenção para* a correlação enquanto processo sintático de estruturação de orações, como enfatiza Rocha Lima. Contudo, ele próprio não se atentou para a relevância do processo, tanto que define correlação como: *correspondência sintática de duas palavras na proposição, entre si dependentes.* (p. 379)

Quem de fato primeiramente propõe a correlação como processo sintático autônomo foi José Oiticica, em seu livro *Manual de Análise* (1940) e, posteriormente, em uma obra específica sobre o tema: *Teoria da Correlação* (1952).

2- Posição da NGB

A NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), aprovada no dia 28 de janeiro de 1959 pela portaria de nº 36, constituiu-se no nosso código de gramática, numa tentativa de unificação e de preservação de uma língua nacional. A partir de então, ela é recomendada para o ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado (exames de admissão, adaptação, habilitação e seleção). Ela é, portanto, de cunho normativista e tenta englobar os conhecimentos descritivistas em fonética, morfologia e sintaxe, homogeneizando uma nomenclatura.

José Luís de Oliveira, na sua obra *Interpretação da Nomenclatura Gramatical Brasileira* (1965), acrescenta ao sub-item *Composição do período*, a seguinte nota:

A “NGB”, contrariando o modo de pensar de alguns autores modernos², não levou em consideração a “correlação” (cfr. pag.107, nota b) e a “justaposição” como processos autônomos de composição do período, deixando-as incluídas na “coordenação” e na “subordinação”. A rã inchou tanto / que estourou (segundo a “NGB”: oração subordinada (adverbial consecutiva), segundo alguns autores modernos: oração correlata (consecutiva); (...)) (p.138)

E acrescenta ainda a seguinte nota de rodapé, tomando para si as palavras de Antenor Nascentes, no seu texto comentado da NGB (2ª ed. Livraria Acadêmica, Rio, 1959, p. 27):

É com razão, pois desde a época indo-européia (Brugmann), nas frases compostas só há o contraste 'parataxe' / 'hipotaxe'. Uma oração ligada a outra só pode estar ou em situação de igualdade, de independência, ou em situação de subordinação, de dependência. A 'correlação', recentemente inventada, não passa de uma 'coordenação' simétrica ou de uma 'subordinação', e a chamada 'justaposição', segundo os exemplos apontados, é um mero caso de gramaticalização. (p.138)

Os comentários de José Luís de Oliveira nos servem para configurar a amplitude do debate que se travara, então, sobre a questão das correlatas. O livro: *Teoria da Correlação*, de José Oiticica, anteriormente citado, é de 1952, portanto, anterior à aprovação da NGB.

Rocha Lima fez parte da comissão de elaboração da NGB e teve, certamente, voto vencido, pois, já em 1957, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1957 p. 256-261), bem como na sua *Teoria da Análise Sintática* (1948, 2ª ed. p. 66-71) já admitia a correlação como processo sintático autônomo, inclusive, o exemplo da rã, acima citado por José L. de Oliveira, é o mesmo exemplo que Rocha Lima traz em sua Gramática, ao propor a correlação como estruturação diferenciada da coordenação e da subordinação.

No anteprojeto da NGB, que foi divulgado à comunidade em geral para receber as devidas críticas, algumas correlatas são incluídas dentre as coordenadas assindéticas, em uma nota às p. 46-47, seguida da exemplificação.

Nota: - Entre as coordenadas assindéticas incluem-se as orações denotativas de aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição, por meio de fórmulas como as seguintes (as quais se podem combinar):
quanto mais ... tanto mais
quanto menos ... tanto menos
quanto mais ... tanto menos
quanto maior ... tanto maior
quanto melhor ... tanto pior
quanto menor ... tanto maior
tanto ... quanto

Esses são exatamente os conectivos apresentados por Rocha Lima, na sua gramática, só que com o acréscimo de outros como: *melhor ... que; assim ... assim*, ao tratar das correlatas comparativas.

É interessante observar a força da lei que fez abafar as discussões emergentes. Após esse período, são poucas as publicações sobre o tema, ou mesmo as adesões dos gramáticos à questão.

Os argumentos de José Luís de Oliveira com relação à defesa da inclusão dos processos correlativos dentro da coordenação e da subordinação são fracos e chegam a ser apelativos, assim como os de Antenor Nascentes, que, provavelmente, os proferiu (além de publicá-los), quando da discussão com Rocha Lima, pois os dois faziam parte da comissão da NGB. Além disso, no exemplo que traz: *A rã inchou tanto / que estourou*, é estranha a separação da expressão *tanto que* e, mais estranho ainda, é dizer que a oração *que estourou* possui valor adverbial, ou seja, equivale a um advérbio da oração principal, pois as adverbiais devem indicar circunstâncias limitadoras do sentido geral do verbo, o que não acontece nesse caso.

A NGB classifica as orações com base nas conjunções. Desse modo, classifica o *que* do exemplo acima como conjunção subordinativa consecutiva. Ora, espera-se que as adverbiais sejam classificadas, portanto, de acordo com o sentido das respectivas conjunções. Pergunta-se, nesse caso: qual o sentido da conjunção *que*? Assim, nesse exemplo em questão, nem a oração subordinada exerce a função de advérbio em relação à principal, nem a conjunção *que* é uma conjunção característica de uma subordinada adverbial, conjunções essas que, espera-se, possuam sentido transparente.

A NGB possui um propósito claro de unificação de uma nomenclatura em função do ensino secundário. As explorações científicas que visam ao conhecimento da língua transcendem, obviamente, essa nomenclatura. E é nesse quadro de investigação que devem se situar as discussões sobre a correlação, o que torna sem efeito os argumentos de Celso Pedro Luft, na sua *Gramática Resumida*. O autor argumenta contrariamente à correlação como processo sintático autônomo nos mesmos termos em que o faz José Luís de Oliveira, e acrescenta que *as denominações dentro das nomenclaturas do inglês, do alemão, do francês, do italiano e do espanhol se limitam à parataxe / coordenação e à hipotaxe / subordinação*. Acrescenta, ainda, que *a distinção de quatro processos sintáticos se deve certamente à argúcia de gramáticos indíginas*. (p. 148-149).

Os gramáticos, de um modo geral, incluem as correlatas dentro das coordenadas alternativas (ou ... ou) ou aditivas (não só ... mas também).

Mas a maior parte das correlatas são incluídas no bloco das subordinadas adverbiais. Celso Cunha, na sua *Gramática do Português Contemporâneo* (p. 409-412), apresenta a seguinte classificação das orações subordinadas, segundo as locuções conjuntivas que as encabeça:

Subordinada adverbial comparativa:

Não, meu coração não é maior /que o mundo./ (Carlos Drumond)

que: conjunção subordinativa comparativa.

Subordinada adverbial conformativa:

/Como se lê num espelho./

Pude ler nos olhos seus! (Gonçalves Dias)

como: conjunção subordinativa conformativa.

Subordinada adverbial consecutiva:

Hei de soprar tão de manso

/Que as folhas não cairão./ (Olegário Mariano)

Que: conjunção subordinativa consecutiva.

Subordinada adverbial proporcional:

Nota do autor: Essas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: quanto mais... tanto mais (tanto menos), quanto menos... tanto mais (tanto menos).

/Quanto mais o conheço, / tanto mais o admiro.

(A conjunção não foi classificada)

Foram realçadas as conjunções para mostrar como a classificação a elas proposta demonstra um enquadramento pouco refletido dos pares *maior que*; (*assim*) *como ... (assim também)*; *tão ... que*; *quanto mais ... tanto mais*. *Que* e *como* são chamadas de conjunções adverbiais.

É interessante observar que o critério de classificação proposto para as proporcionais não foi aquele via conjunção. Para essas, o autor já admite a correlação.

Anteriormente à NGB, alguns autores como: Eduardo Carlos Pereira e Carlos Goes incluíam, dentre as adverbiais, as correlatas e as comparativas, que abarcavam grande parte das correlativas.

Como ressaltamos na introdução, o simples enquadramento das orações correlatas dentro das coordenadas e subordinadas, a partir de critérios tradicionais, não basta para dar conta desse tipo de estrutura. Fica evidente que se trata de um processo de estruturação do período, diferenciado dos já conhecidos, de cunho muito mais semântico do que sintático.

3- Argumentos favoráveis à correlação como processo sintático autônomo.

3.1- Teoria da Correlação:

Como foi dito no histórico inicial, José Oiticica apresenta, em 1952, uma *Teoria da Correlação*. O autor afirma, logo na introdução, que: *Esse processo de composição do período, até aparecer o Manual, sempre andou confundido com o da subordinação em tôdas as gramáticas brasileiras ou estrangeiras.* (p. 13)

Oiticica não inclui as correlatas dentro das coordenadas por considerar que essas possuem *declaratividade total* (p. 16), *são orações autônomas, separáveis.* (p. 17) Ele exclui as correlatas do grupo das subordinadas, primeiro porque elas não possuem, com relação às demais orações do período, uma relação de *apêndice*, depois, porque as subordinadas se prendem às demais por *um só* conectivo.(p. 20) O autor considera que, diferentemente dos demais, nos períodos formados por correlação, estabelecem-se *identidades* dentre as orações. Diz ser impossível ver em um período tal como:

Tais foram suas promessas, tais são hoje suas realizações.

a coordenação, e muito menos, enquadrá-lo numa subordinação. Na estruturação em esquemas visuais que Oiticica propõe aos períodos, ele consegue realmente convencer o leitor da especificação das correlatas.

Em sua *Teoria da Correlação*, Oiticica não se preocupa em classificar as correlatas. Detém-se mais nas possibilidades argumentativas que elas oferecem, nomeando alguns dos processos sem se preocupar em englobar todas as possibilidades correlativas: *correlação comparativa de igualdade; antitética; correlação quantitativa intensificada, etc.*

Oiticica trata as coordenadas e as correlatas, em termos semânticos: *declaratividade total e identidade entre as orações*. Já com relação às subordinadas, levanta fatores de ordem sintática: *apêndice sintático e tipos de conectivos*. Afirma que o efeito provocado pelo conectivo, nas coordenadas, é meramente estilístico. O autor não releva a dependência semântica como fator aglutinador das orações coordenadas, o que certamente o faria incluir as correlatas como um tipo específico de coordenada. No entanto, ele estabelece as diferenças entre as coordenadas, as subordinadas e as correlatas, dentro de uma visão restrita de coordenação e de subordinação. Tanto é que considera como coordenadas somente aquelas totalmente autônomas.

O que Oiticica consegue, com primor, é apresentar a estrutura correlativa enquanto não subordinativa. Seus esquemas gráficos deixam claro que a relação que se estabelece entre as orações dentro de uma relação de correlação é de ordem totalmente diversa do que acontece num processo de subordinação.

3.2- Paradependência e Interdependência

Rocha Lima, na sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (9ª ed. 1963, p. 251), assume que os períodos podem ser formados por quatro *processos sintáticos*: 1) coordenação; 2) subordinação; 3) correlação e 4) justaposição; além de considerar o período misto, consequência da combinação variada destes quatro processos fundamentais.

Ao definir o período composto por correlação o faz nos seguintes termos:

Neste processo sintático, de características absolutamente próprias, não há independência das orações componentes do período, como na coordenação; nem subdependência, como na subordinação. Existe, a rigor, paradependência. (p. 259)

Gladstone Chaves de Melo, na sua *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa - De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira* - 3ª ed., 1978, também admite a correlação como processo sintático autônomo (mas não admite a justaposição). Assim argumenta: *na coordenação existe paralelismo, e na subordinação dependência de funções, na correlação existe interdependência. Por isso mesmo, há sempre dois termos na correlação.* (p. 110)

Gladstone assim comenta a correlação:

(...) processo (sintático) mais complexo (que a coordenação e a subordinação), em que há, de certo modo, interdependência. Nele dá-se a intensificação de um dos membros da frase, ou de toda a frase, intensificação que pede um termo. Muitas vezes ocorre como que retenção para um salto, a que se segue o salto. (p. 152)
(...) abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.” (Machado, *Brás Cubas*, p. 170)

No entanto há diferenças na classificação proposta pelos dois autores com relação às correlatas:

a) Gladstone:

consecutivas: tão, tal, tanto...que

comparativas: mais que; mais do que.

equiparativas: assim como...assim também; não só... mas

alternativas: ou...ou; ora...ora; já...já.

b) Rocha Lima:

aditivas: não só (somente)...mas também (mas ainda, senão também; senão ainda, senão que); assim...como.

consecutiva: tão, tal, tanto, tamanho ... que

comparativa: tal...tal (qual); tanto...tanto (quanto ou como); tanto mais...tanto mais; tanto maior...tanto maior; tanto mais...tanto menos; quanto mais...tanto mais; quanto mais...tanto menos; assim... assim; mais...que ou do que; menos...que ou do que; maior que...que ou do que; menor que ou do que; melhor...que ou do que; pior... que ou do que.

Observação do autor: É freqüente vir claro apenas um dos termos da correlação. Principalmente na linguagem oral.

Chovia que era um horror! (tanto, que)

Ele procedeu de modo que não podemos censurar. (de tal modo que...)

Os dois autores, apesar de pretenderem se situar dentro de uma perspectiva absolutamente sintática, falam em: *paradependência* (algo que vai além de uma dependência sintática em direção a uma dependência semântico-discursiva); *intensificação de um dos membros, ou de toda a frase e retenção para um salto*, elementos da ordem das estratégias argumentativas.

A correlação apresenta características muito próprias:

a) Como observa Rocha Lima, há a possibilidade de omissão do primeiro termo correlativo.

b) É muito difícil listar, dentro de um quadro preciso, todas as possibilidades de locuções correlativas. Oiticica, em sua *Teoria da Correlação*, admite, a cada momento, novas locuções. Ao considerar os versos de Camões chega a admitir *de jeito ... para; bem como ... destarte*. (p. 53)

c) Othon Garcia, em seu livro *Comunicação em Prosa Moderna*, 1969, p. 21, levanta uma série de problemas de malformação em estruturas correlatas. Demonstra, ainda, que algumas dessas estruturas como *não só ... mas também*, quase sempre exigem paralelismo estrutural das expressões.

Todas essas questões evidenciam, mais uma vez, dificuldades de enquadramento classificatório dessas estruturas dentro dos moldes tradicionais. Tanto o é que a sua classificação fica totalmente dependente dos exemplos arrolados. Algumas dão mais idéia de equiparação, outras de alternatividade, outras de antítese e outras, de várias espécies de comparação.

4- Correlação: coordenação ou subordinação.

Nesta parte, serão observados os argumentos de alguns autores com relação à constituição do período e o enquadramento que propõem às estruturas correlatas.

4.1- Dependência e Independência sintática.

Evanildo Bechara, em *Lições de Português* (9ª ed. 1970), não adota a posição de Oiticica, o que justifica da seguinte maneira:

Os dois primeiros conceitos [coordenação e subordinação] dizem respeito ao valor sintático de independência ou dependência em que se acham as orações dentro do contexto; correlação e justaposição se referem ao modo de se ligarem entre si essas mesmas orações. (p. 127)

O autor diferencia, portanto, dois planos, um que ele chama de *valor sintático* (dependência e independência), e outro que ele chama de *modo de ligação*, ou seja, uma classificação pela presença ou ausência de conectivos.

Mas, quando define as orações coordenadas, diz serem *orações de uma série sintaticamente equivalente, ligadas por conjunção coordenativa, ou por mera justaposição.* (p. 128)

Portanto, os argumentos de Bechara contra as propostas de Oiticica não se sustentam, já que não fica claro por que o tipo de ligação não seria um argumento sintático.

4.2- Frases ligadas

Ingedore Villaça Koch e M. Cecília de Souza e Silva, em seu livro: *Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe* (1989, p. 131-134), apoiadas em Oswald Ducrot em *Princípios de Semântica Linguística* (1972, p. 127-132), comentam a classificação proposta por Bally (1944). Esse autor apresenta três modos possíveis de combinação entre enunciados, do ponto de vista semântico: a coordenação, as frases ligadas e a segmentação.

Os enunciados considerados coordenados apresentam proposições que permanecem independentes entre si, mas semanticamente ligadas. Como enunciados segmentados, Bally considera os casos de sujeito ou de objeto pleonástico e de anacoluto; os vocativos, expressões adverbiais deslocadas e frases parentéticas, ou intercaladas.

Nos enunciados aos quais ele denomina frases ligadas, *duas orações estão ligadas num único ato de fala, correspondendo a uma única intenção, de tal modo que a primeira não constitui objeto de um ato de linguagem acabado, independente da segunda.* (Souza e Silva, 1989, p. 132)

Segundo Ducrot:

O enunciado: Quem pode mais chora menos, é, assim, um exemplo de frase ligada. Não serve para afirmar um poder e, depois, em relação com esse poder, um chorar (à diferença do que faria a coordenação). Ao contrário, afirma uma relação entre poder e chorar.

A distinção entre coordenação e frase ligada nos parece muito útil para distinguir conjunções que a gramática habitual classifica indistintamente na rubrica da subordinação.

Deste modo, dentro dessa classificação de cunho argumentativo, é possível considerar as correlatas dentro de princípios mais coerente. Mas, como *frases ligadas*, não caberiam somente as correlatas. Caberiam ainda frases consideradas pelas gramáticas como subordinadas adverbiais

condicionais, dentre outras. Souza e Silva (1989, p. 132) considera o seguinte exemplo:

Quando se é rico tem-se muitos amigos.

A classificação proposta por Bally mostra que o fator semântico pode apontar para revisões das propostas puramente sintáticas. Segundo Souza e Silva, a adoção de tais propostas exigiria mesmo uma reclassificação das conjunções usualmente consideradas como coordenativas e como subordinativas pelas gramáticas tradicionais.

4.3- Coordenadas correlativas

José Carlos de Azeredo, em seu livro *Iniciação à Sintaxe do Português* (1990), questiona a distinção dada aos termos subordinação/coordenação como dependentes/ independentes, respectivamente. Diz que essa identificação em nada esclarece, pois não se define a natureza dessa dependência que, para uns, é puramente sintática e, para outros, diz respeito antes ao sentido. (p.51)

Para esse autor, o processo sintático, por excelência, é a subordinação, enquanto a coordenação é por ele considerada um processo discursivo *stricto sensu*.

Essa postura o leva a considerar, dentre as coordenadas, as sindéticas, as assindéticas e as correlatas, realizando-se, essas últimas, por meio de pares.

Portanto, Azeredo considera coordenação e subordinação a partir de critérios distintos: sintáticos e discursivos *stricto sensu*. Em se considerando esse modo de classificação, a abordagem desses dois processos exigiria caminhos distintos. Um deles seguiria uma abordagem formal/funcional, enquanto o outro teria que percorrer as abordagens que levam em conta a argumentação.

Desse modo, a abordagem de Azeredo, apesar de levantar uma questão importantíssima, que é o estatuto discursivo da coordenação, junta sintaxe e discurso, sem estabelecer as bases de uma abordagem dessa monta. No caso da sua abordagem, prevalece um forte bom senso.

Azeredo é, deste modo, mais um autor a apontar para a dificuldade de se lidar com a correlação dentro de um prisma puramente sintático.

4.5- Seqüência e Sintagma

Mattoso Câmara Jr. em seu *Dicionário de Lingüística* (1978, p. 170) faz uma distinção importante entre sintagma e seqüência:

De acordo com o espírito da definição, implícita em Saussure, entende-se hoje apenas por sintagma um conjunto binário (duas formas combinadas), em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação com outro elemento, que é DETERMINADO. Quando a combinação cria uma mesma coordenação entre os elementos, tem-se, ao contrário, uma seqüência.

Essa postura faz Mattoso colocar a correlação, no mesmo Dicionário, dentro da coordenação e da subordinação, conforme o conectivo utilizado. Se o conectivo estabelece uma seqüência entre as orações a relação será coordenativa (ex. *É não só bravo mas hábil.*). Se estabelece uma relação sintagmática (determinante / determinado) será de subordinação (ex. *É tão bravo que chega a ser temerário.*)

O que ocorre nesse segundo exemplo é uma ênfase sobre o verbo. Mas essa ênfase poderia recair sobre um adjetivo, substantivo ou advérbio, conforme exemplifica Oiticica (p. 42):

Ela se mostrava tão boa, que a todos encantava.
Cantou com tanta graça, que nos deliciou.
Ele falou tão bem, que a todos comoveu.

Neste caso, se havemos de considerar esses períodos como constituídos por subordinação, não poderiam ser adverbiais, pois nem sempre o sentido da segunda oração recai sobre o verbo. Se não são adverbiais em que classificação caberiam?

Os estatutos da seqüenciação e da sintagmatização não são definidos por Mattoso, o que torna qualquer classificação dificultada. Afinal, a determinação que uma oração exerce sobre a outra é de um nível puramente sintático, ou é também semântico? E a seqüenciação estabelece uma relação de que ordem entre as partes: semântica, pragmática ou discursiva? E frases do tipo:

Qual Maria, tal sua cria.
Quanto mais se sobe, maior queda se dá
Quem pode mais chora menos.

seriam todas coordenadas? E que classificação receberiam dentro das coordenadas? Seriam a maior parte das orações correlatas, coordenadas?

5- Conclusão

Fica evidente, a partir de todos esses argumentos acima arrolados, que a correlação é um processo diferenciado da coordenação e da subordinação. Contudo, resta saber se seria um processo de um estatuto meramente sintático.

Desde o início deste ensaio optou-se por considerar a correlação como uma estratégia argumentativa diferenciada da coordenação e da subordinação. As investigações apontaram para o fato de que desde 1944, com Bally, os processos correlativos são considerados na análise dos enunciados.

O fato de Oiticica, em 1952, distinguir a correlação da subordinação e da coordenação acusa as gramáticas tradicionais de não dar conta desse tipo de estruturas e comprova que as estruturas subordinadas não podem abarcar as correlatas, conforme demonstra a partir de seus esquemas. Já as coordenadas possuem uma estrutura de maior independência sintático-semântica que as correlatas.

Azeredo evidencia a deficiência no trato com a coordenação, pelas gramáticas tradicionais, alegando que não há mera independência entre as orações coordenadas e sim uma relação que se dá no nível do discurso *stricto sensu*. O que estabelece os processos coordenativos são, enfim, relações semânticas. Arma-se um lugar totalmente plausível para se analisar os processos correlativos.

Assim, se as estruturas correlatas possuem uma contraparte sintática, a sintaxe por si só não pode dar conta dessas estruturas.

A correlação entre orações vem apontar, mais uma vez, para a necessidade de se categorizar e classificar menos em sintaxe, e sim entender as estruturas, estabelecendo diferenças e apresentando as semelhanças entre os processos. A partir de relações que possuem o sintático como suporte do discursivo, teríamos um alargamento dos conhecimentos sobre a língua, não enquanto objeto formal, mas enquanto jogo de vários parceiros.

Bibliografia

- ANDRÉ, Hildebrando A. de. (1978) *Gramática Ilustrada*. SP: Moderna.
- ANTEPROJETO de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de documentação. Rio de Janeiro, 1957.
- AZEREDO, José Carlos de. (1990) *Iniciação à sintaxe do português*. RJ: Zahar.
- BECHARA, Evanildo.(1970) *Lições de português*. RJ: Fundo de Cultura.
- CUNHA, Celso. (1972) *Gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. BH: Bernardo Alvares.
- DUCROT, Oswald. (1972) *Princípios de semântica lingüística*. SP: Cultrix.
- GARCIA, Othon M.(1975) *Comunicação em prosa moderna*. 2ª ed. RJ: Fundação Getúlio Vargas.
- LUFT, Celso Pedro. (1971). *Gramática resumida*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo.
- MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva*. 6ª ed., 1919, e 12ª ed., 1931.
- MELO, Gladstone C. (1978) *Gramática fundamental da língua portuguesa*. RJ: Ao livro técnico.
- NOMENCLATURA gramatical brasileira. Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES.
- OITICICA, José. (1940) *Manual de análise*. 5ª ed. refundida. RJ: Francisco Alves.
- _____. (1952) *Teoria da correlação*. RJ: Organização Simões.
- OLIVEIRA, José Luís de. (1965). *Interpretação da "Nomenclatura Gramatical Brasileira"*. RJ: Biblioteca do Exército Editora.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. (1963). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 9ª ed. RJ: F. Briguiet & Cia.
- SOUZA e SILVA, M. Cecília P. de e KOCH, Ingedore V. (1989) *Lingüística aplicada ao português: sintaxe*. 3ª ed. SP: Cortez.

Notas

¹A título de curiosidade, o Dr. Maximino Maciel foi formado em medicina e em direito, o que, na sua gramática, constitui informação utilizada para avalizá-la. Publicou algumas obras sobre questões relativas à língua portuguesa: *Philologia Portuguesa*, *Gramática Analytica* e *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Mas publicou também obras e artigos variados nas áreas de medicina, botânica, química e zoologia.

²José L. de Oliveira cita, em pé de página, os seguintes nomes: José Oiticica (1953 e 1955); Carlos Henrique da Rocha Lima (1957) e Gladstone Chaves de Melo (1957 e 1959).